

# O MODELO ECONÔMICO BRASILEIRO ATUAL E O IMPACTO NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS<sup>1</sup>

## Introdução

O esboço deste artigo delineou-se, para mim, a partir do desabafo de uma aluna da Universidade Federal do Ceará, quando, à época do lançamento de mais um pacote fiscal pelo Governo, no final de 1998, assim se expressava: *Estou arrasada, o que é que vou fazer? Com esses cortes de verbas na universidade pública, de que adianta meu currículo?! Eu que investi num currículo*

*acadêmico para me dedicar ao magistério e cortaram os concursos, as bolsas de pesquisa etc!*

O discurso destila, por entre suas capilaridades semânticas, decepção e, também, incerteza. Parece que o cenário educativo, vivido pela aluna, começa a transformar-se. Convmém, pois, indagar sobre os novos cenários educativos anunciados pelo neoliberalismo e suas repercussões na formação de estudantes.

O conceito de *contexto escolar* opõe-se aos modelos *mentalistas* da modernidade, que buscam o *aluno ideal*, destituindo-o de qualquer aspecto sócio-histórico. Em contrapartida, as *abordagens contextualistas*, superando o mero interacionismo, defendem uma unidade inextrincável entre o aluno e seu ambiente, como muito bem o diz Flavell:

É importante compreendermos que a abordagem contextual não propõe simplesmen-

JESUS GARCIA PASCUAL

RESUMO

O artigo discute questões relevantes em relação aos efeitos que o modelo econômico brasileiro atual imprime no desenvolvimento psicológico dos estudantes universitários: descrença no presente e medo do futuro. Conhecer o impacto que as medidas econômicas adotadas pelo Governo têm sobre o processo de formação torna-se uma questão imperiosa para os educadores que trabalham no Ensino Superior. A partir de dados empíricos, algumas reflexões inerentes à tarefa docente são formuladas.

ABSTRACT — THE ECONOMIC MODEL IN NOWADAYS AND THE IMPACT IN THE FORMATION OF THE STUDENTS OF THE COLLEGE EDUCATION

The article discusses relevant questions in relation to the effects that, in the present, the economic Brazilian model prints in the psychological development of the university students: unbelief in the present and fear of the future. Thus, the article purposes to find out the impact that the economic measures adopted by Government have on the formation process of people. This investigation became an imperious question for educators who work with college education. Some reflections in this context were formulated in order to discuss the teacher's task based on empiric data.

\* Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, doutorando em Educação. [psico@npd.ufc.br](mailto:psico@npd.ufc.br)

conceito de *exossistema* (Bronfenbrenner, 1996) para relacionar a política educacional do Governo – determinada pelo modelo econômico vigente –, com o contexto educacional e as vivências que os estudantes universitários manifestam em relação à formação acadêmica e à atuação profissional. O exossistema se refere *a um ou mais ambientes que não envolvem a pessoa em desenvolvimento como um participante ativo, mas no qual ocorrem eventos que afetam, ou são afetados, por aquilo que acontece no ambiente contendo a pessoa em desenvolvimento* (Bronfenbrenner, 1996:21).

A relação entre o modelo econômico, assumido pelo Estado, e a política educacional por ele implementada, aparece claramente explicitada na literatura sociológica. Freitag (1980), tentando compreender a ênfase dada pelo governo à educação na década de 1965-1975, alargou o alcance das questões, e escreve:

te a interação entre duas entidades separadas – a criança e a sociedade. Ao contrário, a criança no contexto social é uma unidade de estudo irredutível. [...] Embora existam muitas versões de contextualismo, o que elas têm em comum é a crença de que os domínios social e cognitivo estão inextricavelmente ligados (Flavell, 1999:19).

Existem vários enfoques dentro da abordagem contextual, tais como *ecológico, etológico, antropológico, etnográfico e histórico-social*. Este estudo recorre ao



Somente uma análise estrutural mais ampla das condições econômicas, políticas e sociais da sociedade brasileira permite responder satisfatoriamente a essas perguntas. Ainda assim ficaria em aberto uma série de questões que despertam nossa curiosidade quando procuramos aprofundar a análise do tema: [...] *Que efeito as medidas governamentais estão tendo sobre a estrutura do ensino e sobre a estrutura global (econômica, social e política) da sociedade brasileira?* (Freitag, 1980:14).<sup>2</sup>

A política educacional, durante o período estudado pela autora – década 1965-1975 –, tinha como eixos estruturantes duas importantes leis do Ensino: a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) número 4.024, sancionada em 1961, e a LDB 5.692, de 1971, em torno das quais gravitavam outros diplomas legais secundários. A política educacional brasileira contemporânea, como é do conhecimento geral, gira em torno de uma nova lei: a LDB 9394, que foi concebida pela sociedade na democracia e parida pelo Governo no neoliberalismo, em 1996. Destarte, o presente ensaio pretende estudar *o efeito que as medidas econômicas governamentais e suas políticas educacionais têm hoje sobre a formação acadêmica de alunos universitários*.

O Brasil contemporâneo apresenta um cenário de mudanças nos setores político e econômico, com conseqüências sociais dramáticas, como mostram alguns estudos recentes:

O Estado Brasileiro, ao longo dos anos 90 [...] vem mudando de perfil, de formato, apresentando novas configurações que bem se expressam na dinâmica da ação estatal, constituindo o que se pode chamar 'Estado Ajustador' da Modernidade Brasileira (Carvalho, 1997:4).

Mas em que consiste o processo de ajuste, que cabe ao Estado Brasileiro? Nada mais é do que a sua integração à nova ordem do *capital*, à ordem do chamado *mercado livre*, que implica os processos de globalização e de mundialização do capital. O Brasil optou por aderir ao *Consenso*

*de Washington*, que prevê três elementos-chaves: a estabilização da economia (combate à inflação), as reformas estruturais do Estado e a retomada de investimentos estrangeiros.

Durham (1998) e Schwartzmann (1996) condenam o modelo *incrementalista*:

O modelo incrementalista corresponde a uma organização das universidades (e outras instituições de nível superior) na qual o funcionamento depende não só da garantia de manutenção do mesmo volume de financiamento, ano após ano, mas de seu constante incremento. Nenhum sistema de ensino superior, no mundo moderno, pode cumprir suas funções sem acolher o novo e sem se transformar conforme se alteram as demandas da sociedade (Durham, 1998: 10).

Os autores referidos justificam as mudanças nas políticas educacionais e os cortes de verbas no ensino público, apoiados em quatro teses básicas. A primeira diz respeito à necessidade de expansão do Sistema de Ensino Superior Brasileiro nos próximos anos; a segunda afirma que o financiamento público do Ensino Superior está no seu limite máximo, portanto, este deve buscar novas fontes de recursos no setor privado. O modelo único de universidade brasileira, afirma a terceira tese, não existe na prática, mas serve para justificar um sistema educacional elitista. E, diz a quarta, o controle formal e burocrático do ensino deve ser substituído por sistemas de avaliação permanentes.

Não constitui objetivo deste estudo analisar criticamente o modelo econômico que o Governo Brasileiro adotou, a partir da última década do século passado – adesão tímida no governo Collor e implementação decidida no governo de Fernando Henrique Cardoso. Uma certeza emerge, todavia, por entre as respostas dos estudantes universitários, como tenta mostrar este estudo: *o modelo econômico brasileiro atual criou um contexto educacional que provoca ansiedade e decepção*.



O artigo emana de uma pesquisa iniciada em março de 1999 e concluída em fevereiro de 2000. Foram entrevistados 153 estudantes dos *campi* da Universidade Federal do Ceará – Benfica, Pici e Porangabussu. Os objetivos traçados na pesquisa foram: a) conhecer a visão que estudantes universitários tinham acerca da situação sócio-econômica do Brasil; b) investigar os vínculos que eles estabeleciam entre o modelo econômico brasileiro atual e a política educacional universitária; c) investigar a relação por eles estabelecida entre o modelo econômico e o processo de formação acadêmica.

A metodologia seguida se concentrou nas respostas dadas pelos sujeitos ao questionário, composto de três partes. A primeira incluía a identificação dos sujeitos (naturalidade, sexo, estado civil, número de filhos, renda familiar, atividades remuneradas, centro ou faculdade dentro da Universidade etc.) A segunda parte do questionário investigava a opinião dos sujeitos sobre o modelo econômico brasileiro atual e sua relação com a política educacional implantada na universidade. E, na terceira parte, apurou-se a opinião dos estudantes em relação à sua formação acadêmica. Dentre os objetivos traçados, o artigo aprofunda o aspecto da formação acadêmica.

O método escolhido, para trabalhar os dados, foi

análise de conteúdos, porque esse conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados, constituindo um método empírico, dependente do tipo de fala a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo (Bardin, 1977:9).

## As respostas dos estudantes

Alguns alunos manifestam clara desistência do percurso acadêmico inicialmente pretendido. Abandonam-se planos de mestrado e de

doutorado para ingressar, rapidamente, no mercado de trabalho, impelidos que são estes alunos pela situação econômica precária em que se encontram: *Não sei se devo seguir a carreira acadêmica ou partir para o mercado de trabalho, uma vez que cada vez fica mais difícil conseguir bolsas de mestrado/doutorado* (sujeito nº 56). A mudança dos planos acadêmicos atinge até o nível da própria graduação: *Sou filho de aposentado, logo meu pai sofreu com o corte no salário, prejudicando enormemente a minha formação acadêmica. No aspecto universitário, a tal falada privatização se faz cada dia mais presente* (sujeito nº 44). Algumas respostas, embora não impliquem mudança propriamente dita, referem-se, todavia, ao adiamento de planos pessoais: *Tive que adiar alguns planos que envolviam certa quantia em dinheiro* (sujeito nº 152).

As respostas dos alunos que afirmam não terem mudado seus planos acadêmicos aparecem, todavia, impregnadas de um *ainda-não*, que gera expectativa e insegurança nos jovens. Parece oportuno referir-se a essa *espera* como alguma coisa inevitável e angustiante, da mesma forma que o comensal do déspota Dionísio<sup>3</sup> esperava a espada cair a qualquer momento sobre sua cabeça. A escolha dessa metáfora surgiu a partir de respostas como as que se seguem: *Não alterou o presente, mas com certeza altera meu futuro. Aliás, ele* (pacote fiscal lançado pelo Governo à época da pesquisa) *já começou a afetar o presente sim. Mas, meu futuro se torna cada vez mais incerto. Pretendia, um dia, ser professora universitária, mas, com a falta de contratação que certamente haverá [...]* (sujeito nº132).

Observa-se, também, que há não apenas mudança de planos em relação à formação acadêmica, mas uma verdadeira interrupção. Fica muito claro, nas respostas de vários alunos, que, para eles, o modelo econômico brasileiro atual pretende, mais cedo ou mais tarde, privatizar a universidade pública. Essa convicção é o pressuposto para o raciocínio de muitos universitários, embora não saibam como isso acontecerá. O corte de verbas, que o Governo anunciou na



época para a universidade pública, aparece como a *ante-sala* da privatização e tem efeitos muito amplos, pois afeta a qualidade do trabalho docente, as pessoas que nela trabalham e a sociedade como um todo: *Com o corte de verbas para as universidades públicas, estas não irão conseguir manter a qualidade, pois terão que cortar gastos com manutenção e despesas de pessoal, além de que a desestabilização do funcionalismo irá baixar a qualidade de ensino diretamente, pois os bons professores irão fugir para instituições privadas* (sujeito nº 26).

Nota-se, entretanto, que o corte das verbas é analisado de diversos ângulos pelos alunos, com ampla gama que vai da simples descrição até a crítica dos fatos. Para alguns, as conseqüências sociais negativas do modelo econômico assumido pelo Governo não justificam os cortes na área educacional: *A redução de gastos do Governo nas universidades nem sempre é justificável, tendo em vista que a educação deveria ser uma prioridade* (sujeito nº 59). Para outros, entretanto, o corte de verbas é, apenas, uma conseqüência da nova ordem econômica ou uma característica do mercado mundial, sem estabelecer algum tipo de análise crítica, segundo pode observar-se, por exemplo, nestas respostas: *O repasse da receita da arrecadação era mais restrito já que o presidente pretende sanear os cofres do governo* (sujeito nº 1). *Todas as pastas tiveram cortes, inclusive a educação e a saúde. Portanto, serão menos recursos para a universidade* (sujeito nº 46).

Mas uma certeza ergue-se entre as respostas dos entrevistados: quando vier a privatização, eles terão que abandonar os estudos e não apenas adiá-los. A ruptura se forja na medida em que há relação palpável entre a situação financeira de alguns alunos e a gratuidade da universidade pública. Para outros alunos, entretanto, a privatização do ensino superior não provocará uma interrupção nos estudos, mas a clara deterioração de sua formação acadêmica e, conseqüentemente, da qualificação profissional: *Se o Governo passar a cobrar pelo ensino superior,*

*provavelmente terei que, particularmente, buscar meios para arcar com as despesas, ou seja, ingressar no campo de trabalho em uma área que não me interessa como profissional (secretariado, por exemplo)* (sujeito nº 13). *Se a universidade for privatizada, eu terei que trabalhar para pagar. O tempo que eu usaria para estudar, eu vou usar para trabalhar, com certeza meu nível vai cair, como é que vou poder fazer uma faculdade bem feita?* (sujeito nº 90). A preocupação com a privatização da universidade pública está relacionada, também, com a exclusão das camadas mais pobres da sociedade, que não terão acesso ao ensino superior, propriedade que será, dessa feita, das universidades particulares.

Mas, apesar da situação *preocupante* pela qual passa a universidade pública brasileira, em decorrência da política econômica do Governo – tese que fica amplamente afirmada na pesquisa que deu ensejo a este trabalho –, alguns alunos manifestam preocupação preponderante com a conclusão do curso iniciado, pois pesam razões de ordem prática: *A maior preocupação é com minha formatura, pois preciso entrar no mercado de trabalho logo, pois já tenho família para sustentar* (sujeito nº 65). *Minha formatura é o que mais me preocupa porque sem o diploma e os conhecimentos adquiridos não conseguirei bem a minha independência financeira* (sujeito nº 68). As respostas destes sujeitos parecem articuladas na trama do *pragmatismo*, que exprime muito bem o adágio popular “É melhor um pássaro na mão do que dois voando”. A preocupação primordial é com o trabalho, pois há compromisso com filhos e família.

As razões *práticas* abrem espaço, também, a sentimentos nobres, que brotam por entre falas encorajadas. O *altruísmo* de alguns alunos perpassa a graduação, cuja meta volta-se para o crescimento das pessoas e a melhoria da situação social do país: *Vou lutar para que possa de alguma forma, dentro de minhas possibilidades, ajudar as pessoas a se conhecerem e se colocarem diante desse mundo, cheio de transformações e marcado pela tentativa de tor-*



nar as pessoas desprovidas da sua condição de seres com expectativas e desejos (sujeito nº 121). A conclusão do curso encetado é encarada por outros como uma atitude de *persistência*, quando afirmam que *querer é poder*; e, apesar da situação adversa, ainda se pode conseguir uma qualificação profissional esmerada: *Vou dar continuidade aos meus conhecimentos, isto é, sempre me atualizando, custe o que custar* (sujeito nº 138). Brotam, outrossim, por entre as respostas dos alunos, manifestações do mais genuíno *romantismo*: *A educação é o bem mais precioso que a humanidade possui, é através dela que conseguimos crescer como seres humanos e como profissionais* (sujeito nº 147). É menos penoso *sonhar* que os objetivos já foram atingidos [formação e emprego] do que enfrentar a realidade cruel da universidade e da sociedade contemporâneas: *O mercado se abrirá para mim* (sujeito nº 135).

Numa clara descida do entusiasmo inicial, os discursos dos alunos aludem a sentimentos *céticos*: *Como estudante sou o futuro do país, depois, tenho receio de me tornar o problema* (sujeito nº 119) ou *derrotistas*: *Preocupa-me a impossibilidade de concluir o curso pela necessidade de ter um emprego. Cursos como os de línguas estrangeiras, por exemplo, são caros e vêm ficando mais caros. A universidade talvez logo esteja entrando neste esquema de pagamentos semestrais* (sujeito nº 110). Aparecem respostas que consideram a permanência na universidade e a conclusão do curso iniciado uma *perda de tempo*: *Me livrei de mais uma obrigação social e posso partir para outra* (sujeito nº 105), clara alusão ao destaque que esses alunos atribuem ao *trabalho* em relação à *formação acadêmica*: *Descobri que o que aprendi é questionado por esse mundo aí fora* (sujeito nº 100). O tom das falas se reveste, cada vez mais, de *derrotismo*, pois a situação está tão ruim que a derrota se torna iniludível: *Temo não conseguir me colocar no mercado de trabalho; temo, também, que mais verbas sejam desviadas do ensino superior e minha formação fique ainda mais comprometida*

(sujeito nº 100). O espectro sentimental, debulhado pelos entrevistados, fecha-se com a sensação de *medo*, pois a incerteza do presente rouba os sonhos do futuro: *Estou com medo, pois agora terei que enfrentar o mercado e não sei se estou realmente preparada para exercer minha função* (sujeito nº 117).

O futuro que se avizinha é revestido de certas incongruências, próprias do modelo econômico neoliberal. As empresas exigem pessoas cada vez melhor qualificadas e com experiência profissional comprovada; mas a situação, pela qual passa a universidade pública, compromete o binômio: *qualificação acadêmica-experiência profissional*. Pois, de um lado, a universidade pública vem sendo depauperada através do corte de verbas, o que acarreta, freqüentemente, a saída de professores altamente qualificados e o subsequente prejuízo na formação acadêmica dos alunos. Por outro lado, as empresas exigem experiência profissional, mas com a retração de mercado, o que os alunos conseguem, muitas vezes, é um estágio. Mas isso se torna insuficiente quando pleiteiam uma vaga nas empresas, na condição de formados: *Minha irmã está formada faz três anos e por ser qualificada, as empresas não querem pagar salário de graduada e sim de técnico e mesmo ela querendo, devido à fiscalização, ela não poderia atuar como técnico sendo graduada* (sujeito nº 143).

Há, todavia, um outro componente do modelo econômico neoliberal que assusta os estudantes: a *celeridade da tecnologia*. Muitos alunos se mostram inseguros frente às transformações vertiginosas pelas quais passa a realidade contemporânea. O mundo atual passa por rápidas mudanças, decorrentes, segundo o relato dos alunos, da *globalização*. A velocidade com que são processadas as informações, a rápida transformação da tecnologia, a mudança e variedade de padrões científicos, próprios da pós-modernidade, configura uma realidade extremamente incerta, mutante e desafiadora, que provoca nos alunos *ansiedade e pressa* para entrar no mundo do trabalho: *O que me preocu-*



pa é o futuro, a instabilidade do mercado financeiro e o desemprego. Porque podem gerar falta de oportunidades no futuro (sujeito nº. 40). Se eu terei espaço no mercado de trabalho, se serei uma profissional competente e reconhecida como tal e se minha profissão me fará crescer como ser humano (sujeito nº. 84). O que mais me preocupa é essa rapidez como as coisas mudam. Quando penso que estou atualizada, já tem muitas outras coisas para aprender, e tudo é tão rápido e tenho que aprender tantas coisas ao mesmo tempo, que está virando uma paranóia. Tenho medo de não conseguir entrar no mercado de trabalho por não conseguir acompanhar o ritmo da globalização (sujeito nº. 136).

O fato de alguns graduados trabalharem em profissões de nível técnico, por falta de oportunidade dentro da profissão na qual se formam, reflete a conjuntura perversa do mercado, que é extremamente competitivo e escasso: *O mercado de trabalho. Será que daqui a três anos eu vou poder exercer minha profissão ou vou ser vendedora de cachorro quente?* (sujeito nº. 148). Apesar da qualificação precária que a universidade pública pode vir a oferecer aos estudantes – por causa do corte de verbas – verificam-se, contudo, falas onde a graduação universitária – o diploma – ainda é importante. Afirmam, inclusive, que é preciso mais do que uma simples graduação para entrar no mercado de trabalho. Não estão ausentes das falas aqueles componentes de ascensão social, tais como *status*, *crescimento pessoal*: *No mercado de hoje um diploma universitário é muito apreciado na aquisição do primeiro emprego, mesmo que o detentor do diploma não seja um bom profissional* (sujeito nº 3).

## Considerações finais

Convém salientar a relação inextricável que os alunos – sujeitos da pesquisa que subsidia este artigo – estabelecem entre o modelo econômico que o Brasil adota na atualidade e a depauperação das universidades públicas. Eles estabelecem um claro vínculo entre o modelo econômico

neoliberal e o corte de verbas para o Ensino Superior público. A depauperação, por sua vez, provoca a *mã qualidade na educação pública* e acena com a *privatização*. É isso exatamente que alunos universitários manifestam, na voz da aluna que abre este ensaio, quando afirma que deverá alterar seus planos profissionais. Ela revestiu de entusiasmo juvenil a carreira universitária, que ora parece desabar. Decisões políticas e econômicas, “costuradas” à distância, podam drasticamente seus sonhos acadêmicos e, com pujança, ela denuncia o estupro acadêmico.

A grande pergunta que, implícita, permeia os discursos, possa talvez ser transcrita com estas palavras: *Até quando haverá universidade pública de qualidade?* As incertezas contornam a vida acadêmica dos alunos, pois projetos educativos, consolidados pela tradição universitária, desmoronam ao sabor de novos ventos econômicos. Como podem esses alunos apostar na qualificação consistente, se não sabem até quando poderão permanecer na universidade pública? Enquanto ela for pública e de qualidade, manter-se-ão nela; mas aparece sempre, no horizonte, o espectro perturbador de uma possível privatização, cuja trama se tece num contexto antes distante e cada vez mais próximo.

A vivência da privatização iminente – *ainda-não, mas inexoravelmente vai acontecer*, denominada neste ensaio de *síndrome da espada de Dâmoques* – provoca ansiedade nos alunos. Alguns deles, antecipando-se ao evento fatídico e como que querendo extirpar de dentro de si a angústia da espera, mudam até seus planos de formação. Abandonam sonhos com sabor de mestrado e até de doutorado, para inserir-se imediatamente no mercado de trabalho. Constatam, entretanto, que este está cada vez mais exigente, experimentando uma sensação de perplexidade, pois precisam conciliar a formação profissional consistente – atributo tradicional da universidade pública, mas questionado por eles – com o mercado exigente e restrito. A renúncia à formação acadêmica parece ser o destino de muitos alunos, que não querem one-



rar o orçamento familiar com as gordas mensalidades da universidade particular, sacrificando ainda mais a vida precária de pais aposentados.

Fica patente que paira entre muitos universitários um sentimento de apreensão, provocado pela convicção de que a universidade pública caminha em direção à perda da qualidade do corpo docente e à privatização. Esta é, segundo eles, uma questão de tempo, pois sua transferência para a iniciativa particular faz parte das metas traçadas no consenso de *Washington*. O processo da reforma universitária, propalada pelo Governo, aparece envolto em contornos imprecisos. Não sabem quando nem como a universidade pública será privatizada, formando-se, destarte entre os alunos, um clima propício ao fomento de ansiedade, que prejudica seu desenvolvimento humano e acadêmico.

Face à angústia estudantil que enevoa o contexto educacional universitário pesquisado, cabe aos educadores tomarem algumas providências necessárias no sentido de reverter o quadro ansiogênico, perturbador que é para o trabalho acadêmico na universidade. Muitos deles se vêem *obrigados* a mudar, adiar e até interromper seus projetos acadêmicos. Como educadores não podemos furtar-nos diante de tão delicado panorama. Mas como criar estratégias para reverter esta situação? Observa-se, em primeiro lugar, que a (des)informação toma conta do universo estudantil, o que parece ser muito preocupante. Quando se pergunta aos alunos acerca do projeto governamental a respeito da universidade pública, percebe-se que a fonte de informação é a *mídia*, com suas meias-verdades e sua ânsia de audiência. Talvez se possa estabelecer um fórum permanente de discussão acerca dos programas educacionais que o Governo tem para a universidade pública. O debate dos projetos, franco e esclarecedor, pode dissipar a névoa que envolve o futuro da universidade pública. Os alunos não enfrentarão, destarte, mais um *fantasma*, mas uma proposta real, porém não inexorável.

O neoliberalismo, assumido pelo Governo brasileiro como o norteador de suas ações

políticas, econômicas e sociais, defende que a sua política educacional para o Ensino Superior é o *único* caminho para a sua sobrevivência. Faz parte da metodologia neoliberal usar um discurso hegemônico, na tentativa de desqualificar outros discursos, denominados de *atrasados, superados, obsoletos* etc. A teoria *ecológica do desenvolvimento humano* oferece, também, elementos consistentes para modificar o clima ansiogênico gerado entre os alunos, pois *a sequência causal também pode se dar na direção oposta e a pessoa em desenvolvimento pode acionar processos dentro do microsistema que têm reverberações nos locais distantes* (Bronfenbrenner, 1996:182). A reforma universitária, pretendida pelo Governo, não é um *fato natural*, mas um *fato social*, que entende e atende a certas demandas de grupos econômicos determinados. Mas esse modelo pode ser substituído – ou pelo menos comparado – por outro(s) que atendam aos anseios de grande parte da sociedade. À postura passiva e ansiogênica, constatada nas falas dos alunos, deverá suceder o engajamento consciente e ativo daqueles que desejam uma universidade pública, acessível e de qualidade.

Eis um desafio que se descortina para os educadores e educandos universitários no alvorecer do terceiro milênio.

## Notas

<sup>1</sup> Este artigo foi elaborado a partir de uma pesquisa, realizada na Universidade Federal do Ceará, durante o ano de 1999, com a colaboração das alunas do Curso de Graduação em Psicologia: Ananda Banhos Pinheiro, Luiza Amélia Oliveira Batista, Nara Maria Forte Diogo e Sabrina Romero de Oliveira.

<sup>2</sup> Grifo nosso

<sup>3</sup> Conta-se que Dionísio, tirano de Siracusa, irritado com o descontentamento que seus súditos tinham por causa da vida tranqüila que o monarca levava, resolveu convidar os mais descontentes para um jantar no palácio. Mas pendurou uma espada, presa ao teto pela crina de um cavalo, e colocou um convidado debaixo durante o jantar. Com essa ação, o monarca queria expressar as preocupações reais.

## Referências bibliográficas

- BARDIN, L. *Análise de conteúdos*. Lisboa: Edições Jô, 1977.
- BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- CARVALHO, A. O Brasil Real dos anos 90: o desafio da Questão Social. Artigo apresentado no VII Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia, Brasília, set/97.
- DURHAM, E.R. A política para o Ensino Superior Brasileiro ante o desafio do novo milênio. Em: CATANI, A. *Novas perspectivas nas políticas de educação superior na América Latina*. Campinas: Autores Associados, 1998, 9-27.
- FLAVELL, J.; MILLER, P. & MILLER, S. *Desenvolvimento cognitivo*. Porto Alegre: Artemed, 1999.
- FREITAG, B. *Escola, estado e sociedade*. São Paulo: Moraes, 1980.
- SCHWARZMANN, S. O ensino Superior no Brasil: a busca de alternativas. *Revista Educação Brasileira*, vol. 18, 37, 1996, 11- 44.